

Check against delivery



ALLIANCE OF CIVILIZATIONS

Alto Representante das Nações Unidas para a Aliança das Civilizações

*Uma Aliança das Civilizações para o Mediterrâneo*

Algumas palavras dirigidas à Comissão para a Promoção da Qualidade de  
Vida, dos Intercâmbios Humanos e da Cultura  
da Assembleia Parlamentar Euro-Mediterrânica

*Lisboa,  
18 de Julho de 2008*

Sr. Presidente da Comissão para a Promoção da Qualidade de Vida, dos Intercâmbios Humanos e da Cultura da Assembleia Parlamentar Euro-Mediterrânica, Dr. Alberto Antunes,  
Senhoras e Senhores membros da Comissão,

- Foi com muito prazer que aceitei o convite que me foi dirigido pelo Presidente desta Comissão e meu grande amigo, o Dr. Alberto Antunes, para participar na sessão inaugural da presidência portuguesa desta Comissão da Assembleia Parlamentar Euro-Mediterrânica.
- Em primeiro lugar e na tradição de hospitalidade que todos partilhamos, permitam-me apresentar-vos os meus cordiais cumprimentos e desejar-vos as boas-vindas a Lisboa, este porto do extremo do Mediterrâneo.
- Reivindicar expressamente que sou Mediterrânico pode não ser muito correcto do ponto de vista geográfico, mas representa uma homenagem à nossa história comum e, ainda, à cultura, aos princípios e aos valores que nos unem enquanto seres de uma só civilização e de uma só humanidade, partilhando o mesmo destino.
- Gostava de aproveitar esta oportunidade para, por um lado, descrever sucintamente a missão que o Secretário-Geral das Nações Unidas me confiou enquanto Alto Representante para a Aliança das Civilizações e, por outro, fundamentar um pouco a maneira como encaro a Aliança no âmbito da região a que pertencem – o Mediterrâneo – e as colaborações possíveis entre a Aliança e a APEM.

## Excelências

- Permitam-me dizer, desde logo, que a Aliança, tal como a vejo, se dedica aos **direitos humanos**!
- Os direitos humanos, sim, contudo não enquanto conceitos ou realidades abstractas, mas concretas, tal como determinam as vidas das pessoas, enquanto instrumentos de regulação dos bens públicos mundiais, quero dizer, enquanto ferramentas de desenvolvimento, de paz e de segurança que permitem aos homens e às mulheres desenvolverem-se e viverem em conjunto, respeitando o outro na sua diferença.
- Trata-se portanto de direitos humanos, mas numa dimensão específica que parece no entanto prevalecer neste século – o século das minorias – como salientou Régis Debray na sua pequena obra recente.
- Todos sabemos que actualmente os direitos humanos estão na ordem do dia, expostos a todo o tipo de acusações.
- Devido à dualidade de padrões; devido às profundas desigualdades que caracterizam o nosso tempo; devido à dificuldade em viver em conjunto, que experienciamos de forma cada vez mais intensa como consequência da globalização.
- No fundo, é a universalidade dos direitos humanos que se encontra no centro de todas as disputas, por causa da dificuldade de a articular com o respeito pela diversidade cultural.

- Digamos que o novo elemento não é tanto a diversidade em si – uma vez que sempre existiu – mas antes o reconhecimento da diversidade cultural (e religiosa) como fundamento das nossas democracias.
- «Como viver em conjunto, respeitando o outro na sua diferença?», este é, verdadeiramente, um dos principais problemas da nossa época.
- A iniciativa da Aliança das Civilizações baseia-se nesta grande dificuldade, recusando-se a conformar-se com as teses do choque das civilizações.
- Não há dúvida de que desde o seu início, aquando da sua criação sob a égide das Nações Unidas em 2005, a Aliança das Civilizações tem sido encarada por muitos como um copo meio vazio, em vez de meio cheio.
- Sinceramente, devo dizer que a Aliança foi recebida com algum cepticismo, embora este se tenha baseado numa argumentação contraditória.
- Foi, aliás, neste contexto de reserva (de crítica ou até de desconfiança) que aceitei tornar-me o seu Alto Representante.
- Por essa razão, em Maio de 2007, quando fui nomeado, optei por deixar-me guiar pela prudência... Adoptei, no entanto, como lema "a confiança", na certeza inabalável de que a Aliança vinha de facto preencher um vazio político.

- Efectivamente, a meu ver, a Aliança tem como objectivo preencher o espaço vazio da governação da diversidade cultural e ela constitui, nesse sentido, o quarto pilar do desenvolvimento sustentável.
- A Aliança pretende ser um laboratório de parcerias e de execução de projectos comuns, orientados para o terreno e a realização conjunta de projectos práticos nos domínios da educação, da juventude, dos média e das migrações (as suas quatro áreas de acção).
- É no entanto claro que os desafios a enfrentar são enormes. Naturalmente, o ano de 2008 será decisivo para o seu futuro.
- Ou conseguimos alargar e aprofundar a Aliança e integrá-la nos processos regionais a decorrer, transpondo a sua agenda para objectivos prosseguidos por instituições regionais (estou a referir-me, por exemplo, à União Europeia, à Liga Árabe, à Organização da Conferência Islâmica, à APEC, à Ibero-América, à União Africana, ao Conselho da Europa, etc.), ou dificilmente ultrapassaremos as boas intenções;
- Ou conseguimos integrá-la na agenda interna dos Estados, ou dificilmente ultrapassaremos a retórica e os belos discursos;
- Ou conseguimos mobilizar a sociedade civil, ou colocamos em perigo o nosso objectivo principal, que é alcançar pequenas melhorias no terreno, capazes de trazer uma esperança renovada aos povos.
- Eis os três principais desafios da Aliança.

## Excelências

- Estão porventura a interrogar-se sobre o balanço, mesmo provisório, que eu possa fazer da realização destes três objectivos neste primeiro ano de actividades.
- E, no entanto, a minha resposta é, sem hesitações, positiva, apesar das dificuldades e, naturalmente, da gigantesca dimensão da tarefa que a Aliança tem pela frente.
- Recapitulando os três pontos que acabei de referir:
- Primeiro ponto - integração dos propósitos da Aliança nas agendas internas dos Estados. Esta passará pela elaboração, aprovação e aplicação de Estratégias Nacionais para o diálogo inter-cultural no âmbito da educação, juventude, média e migrações. Foi esta a solicitação que dirigi aos Estados-Membros da Aliança - está nas nossas mãos incentivá-los a elaborar as Estratégias e facilitar a sua execução, mas a responsabilidade última não cabe à Aliança, pertence aos Estados.
- Como antigo deputado que sou, sei que nesta matéria o vosso papel pode ser decisivo uma vez que à instituição parlamentar cabe um papel determinante na construção da democracia e na prossecução dos objectivos e das opções políticas fundamentais que fixam o rumo a uma nação e asseguram a coesão e a unidade dos cidadãos em torno de um projecto comum de sociedade.

- Não posso pois deixar de lhes fazer um apelo veemente para que exerçam plenamente a vossa capacidade de pressão e de influência para que esta questão esteja entre as prioridades dos Governos e dos Parlamentos dos vossos países, entre as prioridades do Parlamento Europeu, da Assembleia Parlamentar Euro-Mediterrânica e da União para o Mediterrâneo.
- Segundo ponto - transposição da agenda da Aliança para as organizações e processos regionais. Cabe-nos a nós, Aliança, promover este processo e acompanhá-lo. É o que temos estado a fazer e, por exemplo, deixem-me manifestar o quanto me regozijo com o facto de a recém-criada União para o Mediterrâneo reconhecer nas suas conclusões finais o papel da Aliança das Civilizações como parceiro incontornável na promoção do diálogo cultural nesta zona do mundo.
- Naturalmente também neste âmbito o vosso papel pode ser decisivo na promoção dos valores e objectivos da Aliança.
- Terceiro ponto - mobilização da sociedade civil. Pilar indispensável da Aliança, a sociedade civil na multiplicidade fragmentada das suas componentes - sector privado, grupos inter-confessionais e religiosos, fundações, universidades e *think tanks*, associações, etc. — é simultaneamente a sua razão de ser e o seu alvo último. Daí a Aliança desenvolver uma abordagem essencialmente prática, estar orientada para a produção de resultados e visar combater as crescentes divisões no seio das comunidades, mediante a reafirmação de um paradigma de respeito mútuo entre povos com tradições culturais e religiosas diferentes.

- Nenhum de nós aqui presente ignora que no nosso mundo, marcado por desequilíbrios tão profundos, por níveis de desenvolvimento tão díspares e uma tão grande desigualdade de oportunidades, não é só o ambiente e a natureza que estão degradados, mas também as relações entre os povos e comunidades, tantas vezes dominadas pelo peso de tensões várias, pela desconfiança mútua, e até pela violência e pelo ódio.
- É, pois, urgente impedir que conflitos negociáveis e disputas dirimíveis se transformem irreversivelmente em confrontos de identidade insanáveis e nos arrastem para um suposto choque de civilizações, culturas e religiões.
- Pela minha parte, continuo a pensar que a Aliança das Civilizações é a iniciativa certa, no momento certo. Provar a bondade desta convicção, é, sem dúvida, a missão que tenho prosseguido e que continuarei a prosseguir.

## Excelências

- Como sabem, no sábado passado, nasceu em Paris a União para o Mediterrâneo. Enraizada no acervo do Processo de Barcelona, a renovação desta parceria é portadora de uma nova esperança, não apenas para os países da bacia do Mediterrâneo, mas também para a Europa no seu conjunto e para o resto do Mundo.



- Atravessada pelos tumultos da história, palco de inúmeros conflitos mas, sobretudo, lugar de intercâmbios e de encontros entre culturas, a região do Mediterrâneo está hoje a perder o seu fulgor, confrontada com interesses difíceis de conciliar. Contudo, a sua importância, tanto no plano geopolítico como nos domínios económico e cultural, é indubitável. E, para a Aliança das Civilizações, o que está em jogo é crucial.
- Se a Aliança atribui uma particular relevância aos países do Mediterrâneo, é justamente porque, em virtude do seu mandato, deve intervir nas regiões em que as clivagens - no plano dos princípios e dos valores, das religiões, dos costumes, das concepções de vida e dos níveis de desenvolvimento - se manifestam com mais acutilância e revestem maior urgência.
- Mas há mais. A proeminência do Mediterrâneo deve-se também à sua decisiva parte no acervo da história da humanidade e, sobretudo, ao facto de, nesta região, as possibilidades de reconciliação e de cooperação serem extremamente promissoras. Aqui, no espaço mediterrânico, joga-se o diálogo entre dois mundos, diálogo que pode unir ou dividir, afastar ou aproximar.
- Se este diálogo for bem sucedido, se conseguirmos transformá-lo numa verdadeira cooperação, de igual para igual e em ambos os sentidos, estaremos a avançar nos caminhos da paz e da estabilidade.

- Ao demonstrar que uma cooperação económica, proveitosa para todos, é possível, e que projectos comuns em matéria de educação, de ambiente ou de cultura podem dar frutos e contribuir para uma vida melhor para todos, os países da bacia do Mediterrâneo estarão em condições de erguer uma barreira contra a intolerância, o integrismo e o extremismo, mostrando ao resto do mundo que a cooperação pode triunfar sobre a indiferença, e até sobre o ódio e a violência.
- O desafio é de monta. Para o vencer, é preciso ir além das declarações de intenções. As palavras contam, naturalmente. Mas para terem um impacto duradouro, precisam de acções concretas. Neste sentido, a actuação da Aliança pode ser um relevante complemento à da União para o Mediterrâneo, até porque há uma assinalável margem para incentivar em conjunto de políticas de boa governação da diversidade cultural.
- A Aliança está já associada a vários projectos que visam reforçar o diálogo e o desenvolvimento nos países do Mediterrâneo, como, por exemplo, «Silatech», uma iniciativa destinada a estimular o emprego dos jovens e que resulta de um conjunto de parcerias internacionais.

- Destacaria ainda, a título de exemplo, um outro projecto promovido pela Aliança, que tem por objectivo fomentar o papel dos média como agentes da interculturalidade e que consiste num mecanismo *on line* de acesso a uma bolsa de peritos, autores, filósofos, escritores, que podem ser consultados sobre um conjunto de questões e polémicas, sobretudo de natureza cultural e religiosa, que, como sabemos, têm proliferado nas nossas sociedades e sobre as quais existe, muitas vezes, tanta ignorância e tantos mal-entendidos.
- Para além disso, está outrossim em estudo um conjunto de iniciativas de cooperação ao nível das cidades, com o objectivo de criar redes no terreno, envolvendo as autoridades locais, mas também os actores da sociedade civil e do sector privado, cujo objectivo é desenvolver actividades conjuntas permitindo a redução das tensões multiculturais e um melhor conhecimento entre comunidades diferentes.

## Excelências

- «Se tivesse de recomeçar, começaria pela cultura» - costumam atribuir-se estas palavras a Jean Monnet, embora saibamos hoje que são apócrifas. Nos nossos dias porém, estas palavras revestem uma surpreendente actualidade.
- No espaço mediterrânico joga-se o futuro do diálogo entre culturas e religiões. Todos temos interesse em desenvolver estes intercâmbios, com base na reciprocidade e na transparência, e a Aliança das Civilizações partilha deste nobre propósito.

- Claro que não nos devemos iludir – os problemas de natureza política exigem soluções políticas e a gestão de conflitos armados não faz, de todo, parte do âmbito da Aliança das Civilizações. A Aliança situa-se a montante e a jusante das situações de tensão, e desempenha por isso um papel preventivo e curativo dos conflitos, sendo, neste sentido, um instrumento de consolidação da paz.
- A grande aposta da União para o Mediterrâneo é a da interculturalidade e do desenvolvimento partilhado. Na minha perspectiva, trata-se de uma aposta certa, que abre o caminho do futuro.
- É por isso que a União e a Aliança das Civilizações se podem reforçar mutuamente e que as suas acções devem ser desenvolvidas em estreita complementaridade.
- É por isso também que devemos todos em conjunto – a Assembleia Parlamentar Euro-Mediterrânica, a Fundação Ana Lindh, as restantes instituições europeias, os governos dos Estados Parte e a Aliança das Civilizações – unir os nossos esforços e, como os navegadores milenários do Mediterrâneo, aproveitar os ventos de feição e fazermo-nos ao mar, para construir pontes que nos unam, reanimando o diálogo que falta, a solidariedade que protege e a cooperação que estimula.

- Gostava de terminar convidando os membros desta Comissão a apresentar à Aliança propostas de cooperação aquando da realização do próximo Fórum da Aliança que terá lugar em Istambul, a 2 e 3 de Abril próximo e para o qual estarão, naturalmente, convidados.

Muito obrigado.